

JOÃO HAVELANGE - A VIDA DO SR. ESPORTE



Quem conhece o escritório do Dr. João Havelange, na Avenida Rio Branco, no centro do Rio, se impressiona não só pelo cuidado com que ele preserva as lembranças de toda sua carreira como esportista e dirigente, mas também percebe que este homem, do alto de seus 87 anos, completo em Maio, é uma das personalidades mais queridas do planeta.

Da recepção do prédio à sua sala, todos se referem a ele com uma admiração: o porteiro, o ascensorista, o segurança. Havelange sempre fez questão de ser um cavalheiro com quem quer que fosse. E não é isso que o esporte faz? Inclui todas as pessoas.

Nas estantes, placas e diplomas de agradecimento de federações de países que muitos de nós nem conhecemos, reis e chefes de estado que fizeram história. Todos, para ele, são importantes. Selos, broches comemorativos, gravuras e pinturas presenteadas por grandes artistas e admiradores. Um dos maiores acervos de carinho que alguém pode possuir.

Uma constatação de que se o Brasil deu ao mundo os maiores craques do futebol em campo, pode se orgulhar também de ter tido o maior de todos fora das quatro linhas.

Esta entrevista, tem o prazer de oferecer uma matéria exclusiva e histórica em que João Havelange fala de sua própria vida.

O Senhor poderia nos contar como foi a infância do pequeno Jean-Marie Faustin Godefroid Havalange?

JH: A minha infância devo considera-la de felicidade, ao lado de meus pais e meus irmãos. Foi no Rio de Janeiro e no Bairro de Laranjeiras, onde o meu pai tinha uma propriedade muito importante que se situava desde a Rua Cosme Velho até Santa Teresa. Independente disso, tive a alegria de, pelas mãos do meu pai, me conduzir ao Fluminense Football Club. Lá fui infantil, escoteiro, juvenil e adulto, o que me proporcionou a oportunidade de tornar-me bom nadador e jogador de pólo aquático, bem como ligado ao futebol, pois em 1931 fui campeão juvenil no Rio de Janeiro pelo Fluminense. Ainda tive a oportunidade de jogar vôlei e basquete na primeira divisão pelo meu clube. Na continuidade, estudei no Liceu Francês, no Catete e, posteriormente, em Laranjeiras onde o colégio se encontra até hoje. Esses períodos no Fluminense F. C. e no Liceu Francês até hoje caminham comigo.

Como foi a descoberta do esporte e o início da paixão? O Senhor começou sua vida esportiva na natação e no pólo-aquático. Como foi a transição para o mundo do futebol?

JH: O esporte tornou-se mesmo "uma paixão". A educação que meu pai deu no aspecto desportivo, me transformou num atleta olímpico como nadador no ano de 1936 em Berlim e como jogador de pólo-aquático no ano de 1952, em Helsinki. Posteriormente, fui dirigente de esporte, inicialmente na Federação Paulista de Natação, já que residia em São Paulo na época, em 1948. Em seguida, quando retornei ao Rio de Janeiro em 1952, fui Presidente da Federação Metropolitana de Natação e, de 1956 a 1998 foi o período em que estive na Confederação Brasileira de Desportos, pois havia na época da antiga CBD 24 esportes e não somente o futebol. Como Presidente da Federação Metropolitana de Natação por eleição, passei a Presidência da Confederação Brasileira de Desportos e, posteriormente, em 1974 a Presidente da Federation Internationale de Football Association (FIFA).

Ainda sobre esportes amadores, o Senhor é membro do Comitê Olímpico Internacional. Qual a sua opinião sobre a evolução do esporte olímpico em países em desenvolvimento? Por que, por exemplo, países como Cuba são fortes e outros com potencial como Argentina, não? Como vê o Brasil nesse cenário?

JH: Fui eleito para o COI em 1963, no Congresso de Baden-Baden e hoje sou decano desse órgão, completando na próxima sessão de Praga 40 anos trabalhando para o olimpismo. O desenvolvimento em diversos países se faz pela ajuda que os governos podem oferecer às instituições esportivas e, no caso do Brasil especificamente, posso lhe dizer que os governos passados não foram pródigos em recursos para o desenvolvimento do esporte amador, estando certo às competições olímpicas.

E a FIFA? Como foi o caminho até a Entidade?

JH: Quando designado pela Confederación Sudamericana de Football, por unanimidade de suas Associações em 1971, para ser candidato à Presidência da FIFA em 1974, durante dois anos e meio percorri os diversos continentes visitando 86 Associações filiadas a FIFA.

Depois de 24 anos a frente da FIFA, o Senhor poderia avaliar qual a maior emoção e a maior decepção que teve na carreira?

JH: Durante o meu período de Presidente da FIFA, visitei 186 países, o que representou 20.000 horas de vôo e a maior emoção foi trazer de volta à FIFA a China,

após se haver desligado da entidade máxima do futebol por 25 anos, por razões políticas. A maior decepção foi não ter conseguido uma solução desportiva pacífica para o problema político que envolve, há décadas, a questão Palestina-Israel.

Foi o Senhor que aproximou, a partir de 74, o futebol das empresas, como vê hoje as críticas de que o futebol é só marketing?

JH: Quando temos uma missão, seja a de presidir um todo, seja ela empresarial, o que temos a fazer é não nos apaixonarmos, mas trabalhar e procurar dirigir com eficiência aquilo que colocaram em nossas mãos, por eleição. E transformar o negócio em positivo. Com esse espírito é que devemos agir, pois quem se apaixona não tem capacidade de dirigir bem e o futebol, no caso específico, tem a seu favor a TV, o marketing e a publicidade para o lançamento dessa imagem positiva.

O Senhor nunca escondeu de ninguém que, na sua opinião, o melhor jogador que o mundo já teve foi Pelé. Mas quem, segundo João Havelange foi o segundo e o terceiro melhor?

JH: Quanto a essa questão, o meu pensamento continua o mesmo e, indiscutivelmente o maior e melhor jogador que o mundo teve foi Pelé, como figura tão excepcional. Não tenho como indicar o 2º e o 3º.

O nome João Havelange, sem dúvida, é uma referência dentro da administração desportiva do mundo. O Senhor poderia apontar outros, que na sua opinião, sejam exemplos ou mesmo revelações a serem observados?

JH: Meu exemplo de administrador é José Antônio Samaranch, ex-Presidente do Comitê Olímpico Internacional.

Como o Senhor vê essa evolução e a saída tão prematura de jogadores de países Sul-Americanos e Africanos para o Futebol Europeu? O que isso pode acarretar a longo prazo?

JH: Quanto à saída de jogadores de meu País para outras regiões, a fim de cumprir contratos valiosos, acho que devemos aplaudir. Primeiro por ser o reconhecimento aos jogadores de nossa Pátria e, quanto a parte financeira, é de justiça pois representa uma elevação no padrão de vida do atleta, de sua família. Devemos elogiar e sentirmos felizes por constatar que esses jogadores alcançaram o patamar da glória e de seu futuro financeiro.

Dentre todos os prêmios que ganhou, quais o emocionaram mais?

JH: Indiscutivelmente, o prêmio que mais me sensibilizou, me tocou e me emociona até hoje foi ter sido tri-campeão do mundo em 1958, 1962, e 1970, como Presidente dessas equipes que, sem sombra de dúvida, marcam uma época de glória.

E a CBF, como o Senhor analisa hoje? Quais foram as principais melhoras e o que ainda precisa melhorar?

JH: A CBF, no meu entender, pelas conquistas havidas ou seja 1994, 1998 e 2002 com um vice-Campeonato e dois Campeonatos Mundiais, o que faz totalizar o título de Penta-Campeão, temos que felicitar o Presidente da CBF, os responsáveis por essas grandes conquistas e a admiração que isso nos faz sentir.

Como é João Havelange fora do mundo do futebol? O que o Senhor gosta de fazer quando não está trabalhando, embora nos pareça que o maior prazer que sente é trabalhar pelo esporte.

JH: Quando estou fora do futebol, apesar da idade, sigo trabalhando, atualmente acompanhando a música, a literatura e a cultura em geral e também com a missão de seguir me dedicando a mais uma organização mundial que beneficia as crianças desfavorecidas em todo o mundo. Essa organização que se encontra em 131 países é a SOS-Kinderdorf International e essa missão eu a tenho por indicação do Presidente Blatter, em minha qualidade de Presidente de Honra da FIFA. Em junho próximo estarei presente à Assembléia Geral dessa instituição, em Innsbruck.

Por Fábio Seidl